

Enfermagem de coração

Atuação da Enfermagem na UTI Cardiológica requer conhecimentos tecnológicos avançados, sem descuidar da assistência integral ao paciente



Arquivo Pessoal

Marciele Leonardi, enfermeira do Instituto Dante Pazzanese de Cardiologia

Acada dois minutos uma pessoa morre no país devido a complicações originadas por problemas cardíacos. A preocupante estatística, que deve se agravar para 1,5 morte por minuto até 2050, revela o grande desafio enfrentado atualmente para lidar com as consequências de uma vida cada vez mais estressante e que atinge em cheio um órgão vital ao perfeito funcionamento do organismo humano.

Essa realidade, porém, não está restrita ao Brasil. No mundo todo, as doenças do coração são responsáveis por 30% das mortes e a tendência é a situação piorar em progressão geométrica. Estimativas da Organização Mundial da Saúde (OMS) mostram que, até 2040, os óbitos originados por doenças cardiovasculares devem aumentar 250% no Brasil, 210% na China, 170% na Índia e 70% nos Estados Unidos.

Este panorama tem despertado, nas últimas décadas, o desenvolvimento de equipamentos com tecnologia de ponta, capazes de compreender melhor o funcionamento do coração e criar dispositivos para ajudar pacientes de todo o planeta a viver por mais tempo, e com qualidade.

Ao atuarem no epicentro das eclosões cardíacas, os profissionais da saúde vêm sendo obrigados a buscar especialização constante nessa área. A equipe de Enfermagem das unidades de terapia intensiva cardiológica passou a se desdobrar para dominar as tecnologias que estão surgindo e, ao mesmo tempo, prestar assistência ininterrupta ao paciente e a seus familiares nos mais diferentes níveis. “É preciso ter uma equipe muito coesa e motivada para conseguir atender a todos esses requisitos, sobretudo com a crescente demanda nos hospitais”, analisa a enfermeira Maria Aparecida Gonçalves, diretora de serviço das UTI’s clínicas e cirúrgicas do Instituto do Coração do Hospital das Clínicas da FMUSP (Incor).

No Instituto Dante Pazzanese de Cardiologia, onde em média

“O enfermeiro no pós-operatório tem uma grande responsabilidade no cuidado e é um membro importantíssimo na recuperação deste paciente”

Adriano Rodrigues - enfermeiro chefe das UTI's cirúrgicas do Incor

são realizadas oito cirurgias diariamente, a assistência beira-leito é prioridade máxima. São 58 profissionais se alternando 24 horas entre os 50 leitos da UTI pós-operatória, de modo que a regra é existir sempre um enfermeiro disponível para cada dez pacientes e um técnico a cada dois. “Nos casos mais graves, um enfermeiro assiste o paciente integralmente”, afirma a enfermeira assistencial Marcielle Leonardi.

Conhecimento refinado

As atribuições da equipe de Enfermagem nas UTI's cardiológicas são variadas e necessitam de conhecimentos específicos e uma Sistematização de Assistência de Enfermagem (SAE) sólida. É preciso manter vigilância contínua a sinais e sintomas associados às cardiopatias, como dor torácica, hipotensão, hipertensão, braquicardia, taquicardia e arritmia. Correlacionar todos esses aspectos à monitorização hemodinâmica daquela pessoa em estado crítico será fundamental para a obtenção de dados que auxiliarão o diagnóstico rápido de alterações dos sistemas vitais e, em consequência, a tomada de

Marco Antonio Sá

Adriano Rodrigues, enfermeiro chefe das UTI's cirúrgicas do Incor



decisões terapêuticas.

“Com os avanços tecnológicos de técnicas de monitorização hemodinâmica não invasiva, minimamente invasiva e invasiva em UTIs, nas últimas décadas, tornou-se imperativo que o enfermeiro esteja capacitado para realizá-las e interpretar os dados das variáveis hemodinâmicas obtidas na avaliação clínica do paciente”, diz a enfermeira Maria Apa- recida Gonçalves.

O enfermeiro deve, ainda, dominar a operacionalização de uma série de equipamentos. Monitores multiparamétricos, bombas de infusão, geradores de marca-passo, desfibrilador cardíaco, marca-passo transcutâneo, Swan-Ganz e Vigileu são apenas alguns dos aparelhos que fazem parte do dia a dia desses profissionais na missão de propiciar o melhor tratamento possível para o pleno restabelecimento da saúde do paciente. É de sua responsabilidade executar procedimentos complexos nos métodos terapêuticos, como nas terapias de substituição renal, e manusear dispositivos empregados para suporte cardiocirculatório e pulmonar que promovem assistência em série com contrapulsação (balão intra-aórtico), assistência em paralelo (ECMO) e substituição mecânica (ventrículo artificial). As drogas vasoativas, frequentemente utilizadas nas UTI’s, também exigem da equipe de Enfermagem preparo técnico, ao ajudar na verificação da utilização correta desses medicamentos. “O enfermeiro vai supervisionar se o preparo está correto, se a solução preparada é a recomendada ao paciente e se a dosagem está de acordo com a prescrição médica. A bomba de infusão é o instrumento principal no manejo das drogas vasoativas, pois ela garante a precisão do volume infundido”, afirma a enfermeira Paula Cremasco Bernardo, supervisora da UTI do TotalCor.

No pós-operatório, cuidados como estes ganham importância ainda maior. Após a cirurgia é comum o paciente apresentar reações que devem ser acompanhadas de perto pela equipe de Enfermagem, no auxílio ao atendimento médico. “Tem

“O enfermeiro hoje é respeitado pelo conhecimento e capaz de discutir as questões relacionadas à cardiologia com qualquer médico”

Marciele Leonardi - enfermeira assistencial do Instituto Dante Pazzanese de Cardiologia

de ficar muito atento aos sinais de sangramento, aumento da PVC, uma alteração da radiografia, arritmias e outros problemas. O enfermeiro no pós-operatório tem uma grande responsabilidade no cuidado e é um membro importantíssimo na recuperação deste paciente”, analisa Adriano Rodrigues, enfermeiro chefe das UTI’s cirúrgicas do Incor.

A própria administração de medicações e drogas para tratar das crises cardíacas muitas vezes traz consigo alterações importantes no funcionamento do sistema renal, que podem interferir diretamente na recupera-

ção do paciente, sob as esferas clínica e cirúrgica. A partir dessa realidade, algumas das UTI’s passaram a investir em formação e contratação de enfermeiros especializados em nefrologia. A enfermeira Claudia Andrade é uma das nove especialistas nessa área atuando pelo Incor no Programa de Diálises, dotado de recursos de última geração para combater eventuais reações inerentes ao tratamento cardiológico. “Nosso principal paciente é o que vem das terapias intensivas com problemas agudos, que evoluem para o quadro de insuficiência renal aguda ou crônica agudizada. É uma área que requer profissionais altamente especializados”, afirma Claudia, que é pós-graduada em Nefrologia pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp).

Atenção à pediatria

As cardiopatias congênitas são as principais causas de morte no primeiro ano de vida. Como ocorre normalmente com outras doenças, quanto antes se faz o diagnóstico mais chances as crianças têm de reagir positivamente ao tratamento.

Por isso, é fundamental que sejam atendidas em centros especializados, com UTI’s neonatal e pediátrica. Nestes locais, terão a seu favor recursos tecnológicos, disponibilidade de fármacos injetáveis específicos como a Prostaglandina E1, acesso a procedimento hemodinâmico intervencionista e equipe multidisciplinar qualificada e capacitada para atuar neste cenário. Diante de pais geralmente aflitos com a luta de seus filhos pela

vida, a equipe de Enfermagem precisa se desdobrar para assistir a criança em todos os níveis e amparar a família. “A atenção emocional é muito maior nas UTI’s pediátricas. Fazemos um pouco o papel da mãe, às vezes”, comenta a enfermeira Marcielle Leonardi, do Instituto Dante Pazzanese.

Para atuar neste contexto, é necessário conhecer as particularidades das cardiopatias acianogênicas e cianogênicas, bem como identificar os sinais que possam anteceder consequências mais graves à saúde do paciente.

Há quatro anos no Incor, a técnica em Enfermagem Valéria Conceição recebe treinamento constantemente para mergulhar fundo em tudo o que envolve o atendimento às crianças na UTI. Ao se ver incentivada a procurar referências científicas na área, iniciou há três anos o curso de Enfermagem e pretende especializar-se em cardiologia. “É preciso estar sempre em busca de artigos científicos e literaturas para embasar cada vez mais o nosso trabalho”, reconhece Valéria.

Capacitação constante

Por compreender a importância da capacitação em todas as áreas da UTI cardiológica, as instituições contam com programas e investimentos próprios para manter seu corpo clínico sempre atualizado em relação às novas práticas e sistematizações adotadas mundo afora.

Tal preocupação costuma se dar desde o processo admissional, por meio de treinamento básico e específico em UTI e vai se complementando à medida que o profissional se habitua com esse mundo. “A capacitação do nosso capital intelectual também é favorecida por meio de ações com o objetivo de beneficiar a qualidade da assistência de Enfermagem, com reuniões científicas, eventos internos voltados aos profissionais de Enfermagem e oportunidades de participação em eventos extensivos externos, como jornadas, simpósios e congressos, nacionais ou internacionais. Também incentivamos a formação latu e stricto sensu e a realização de pesquisas e publicações de artigos científicos”, afirma a enfermeira Jurema Palomo, diretora da coordenação de Enfermagem do Incor.

No Instituto Dante Pazzanese, a educação permanente também é uma realidade. “Cada caso novo é à beira-leito que se dis-



A enfermeira Maria Aparecida, a auxiliar de Enfermagem Valéria Conceição, a diretora de Enfermagem Jurema Palomo e o enfermeiro Adriano Rodrigues, do Incor

cute. Por ser um hospital de referência e de ensino, a todo momento fazemos estudo de caso, trocamos informações e treinamento in loco. Estamos sempre indo atrás de novidades”, revela a enfermeira Marcielle Leonardi.

Com 20 anos de experiência na área em hospitais diferentes, Marcielle tem percebido uma preocupação cada vez maior em relação à especialização do enfermeiro, inclusive na busca por mestrados e doutorados.

Isso, segundo ela, dá mais segurança ao complexo trabalho dentro de uma UTI com tantos aparelhos tecnológicos e pacientes em estado crítico. “A Enfermagem cresceu não só na parte assistencial, mas também como gestão. O enfermeiro hoje é respeitado pelo conhecimento e capaz de discutir as questões relacionadas à cardiologia com qualquer médico”, destaca a enfermeira.